

Tragédia brasileira

A sociedade brasileira assiste hoje à maior tragédia já ocorrida em todo o mundo com pacientes renais crônicos em tratamento de hemodiálise. A hemodiálise é um procedimento utilizado em pacientes cujo rim não consegue mais filtrar as impurezas do organismo, eliminando-as na urina, entre outras funções. O sangue da pessoa passa por uma máquina própria que tem a função de filtrar, separando e eliminando as impurezas. A seguir o sangue retorna para o organismo da pessoa.

Essa catástrofe revela a fragilidade de um sistema de saúde sem um controle efetivo do estado. O que aconteceu em Caruaru poderia ter acontecido em qualquer cidade deste país, pois o tratamento lá oferecido não é muito diferente do restante.

Atualmente no Brasil, cerca de 25.000 pacientes portadores de insuficiência renal crônica encontram-se

em tratamento dialítico. Esse número representa uma prevalência de aproximadamente 135 pacientes em tratamento por milhão de habitantes, significativamente inferior ao de outros países da América do Sul.

Sabe-se também que uma parcela significativa de pacientes não tem acesso aos meios diagnósticos e ao tratamento dialítico, evoluindo conseqüentemente para a morte. A inexistência de dados oficiais não permite calcular adequadamente o crescimento dessa população, que pode ser estimado entre 30 e 80 novos pacientes, por milhão de habitantes/ano. Não se dispõe igualmente de dados oficiais

globais sobre morbidade e mortalidade dessa população.

A grande maioria das clínicas de hemodiálise existentes hoje no Brasil, apresentam-se defasadas do ponto de vista tecnológico, oferecendo um tratamento de baixa qualidade, com conseqüente aumento na mortalidade dos pacientes dializados.

Ao assumir o Ministério da Saúde neste governo, o ministro Adib Jatene desativou a câmara técnica que servia como elemento normatizador de toda política de atendimento ao paciente renal crônico. Esta câmara técnica era composta pelas sociedades médico-científicas atuantes na área e as associações de pa-

cientes renais crônicos. Este fato, sem dúvida, influi bastante na falta de um controle mais efetivo por parte do estado.

A atual situação revela o descaso das nossas autoridades governamentais em definir e implantar uma política coe-

rente de tratamento, embora não tenham faltado recomendações técnicas, portarias e pressões, provenientes quase que exclusivamente da comunidade de nefrologistas. Também aqui necessita-se da ousadia de cumprir e de fazer cumprir a lei, de obedecer ao que é tecnicamente correto.

Torna-se necessária a adoção urgente, por parte do governo, de um modelo de atendimento ao paciente renal crônico para que possamos definitivamente dizer, Caruaru nunca mais.

■ Rafael de Aguiar Barbosa, médico nefrologista, é diretor da Divisão Médica do Hospital de Base de Brasília

O tratamento
oferecido em
Caruaru não é
muito diferente
do resto do país